



DISCURSOS LEGITIMADORES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Camilla Martins- UFSC

INTRODUÇÃO

As dificuldades encontradas pela disciplina Educação Física (EF) para legitimar-se como componente curricular obrigatório são tema discutido por vários autores. Não raro a EF ocupa um patamar secundário entre as disciplinas escolares, demarcando uma crise que parece constante (BRACHT, 2003; OLIVEIRA, 1999) e que se materializa, entre outros pontos, no pouco caso para se cumprir a carga horária (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003; ALBINO *et al.*, 2008) e na constante dispensa de alunos das aulas (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2009).

Considerando esse quadro, apresentamos aqui resultados de um trabalho cujo objetivo foi investigar aspectos dos processos de legitimação da EF no Ensino Médio (EM). Pesquisamos discursos legitimadores da EF, bem como práticas de seleção, organização e transmissão de conteúdos no EM em uma escola pública federal na zona urbana de uma cidade do sul do país. Depois de analisarmos documentos da escola, com o intuito de elucidarmos algo do contexto administrativo e do projeto institucional, debruçamo-nos sobre planos de ensino, propostas curriculares e cronogramas de trabalho de professores de EF. Além disso, realizamos entrevistas e observamos sistematicamente um conjunto de aulas¹.

Analisamos materiais da escola estudada, referente a dados administrativos e pedagógicos, cruzando-os com os dados obtidos nas observações e entrevistas. Em seguida as categorias de análise foram formuladas a partir do cruzamento entre os objetivos da pesquisa e as expressões próprias dos objetos investigados.

O CAMPO PESQUISADO E O QUE DELE RESULTA

O campo pesquisado, uma instituição pública federal dedicada ao ensino

¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos da UFSC, em 26/07/2010. Número do processo: 866.

tecnológico, cujas origens remontam a 1909, conta com cinco professores de EF, um com carga horária de 20h semanais e os demais com dedicação exclusiva. Dois deles encontravam-se afastados quando a pesquisa foi realizada. Os professores de EF possuem formação profissional destacável, sendo dois doutores, um mestre, um mestrando e uma graduada.

Os espaços para as aulas de EF são, além da própria sala de aula, uma quadra poliesportiva não oficial e uma Sala de Cultura. No que se refere à organização de conteúdos, a EF conta com um planejamento único construído conjuntamente pelos professores. Nele são referenciados autores clássicos do pensamento político e pedagógico, bem como do campo crítico da EF.

Os resultados da pesquisa organizam-se em quatro categorias: como componente curricular obrigatório; conteúdos teóricos sobre as práticas corporais; práticas e cuidados com o corpo para além do esporte; gosto como padrão de escolha. Cada uma dessas categorias é resumida abaixo.

EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR OBRIGATÓRIO

O lugar da EF na instituição é, ao menos discursivamente, o de um componente curricular obrigatório que se iguala às demais disciplinas escolares. Segundo os atores, as aulas de EF são valorizadas como equivalentes às de Química, Matemática ou qualquer outra disciplina da Cultura Geral que faça parte do currículo do EM.

Uma das formas antes empregadas para buscar essa legitimidade da EF teria sido tentar igualá-la às outras disciplinas em sua forma, utilizando apostilas, realizando provas, inclusive avaliações práticas que levavam à reprovação de vários alunos. Apesar de causar impacto e mostrar que a disciplina era um componente curricular como as demais, o procedimento não foi empregado por muito tempo. Logo os professores teriam se dado conta que dessa forma estavam repetindo os mesmos equívocos das demais disciplinas: avaliando os alunos não pelo que eles aprendiam, mas por um momento que poderia ser de fracasso, deixando-os tensos e permitindo que muitos deles estudassem apenas em cima da hora das provas e avaliações. Uma solução encontrada foi o desenvolvimento de um planejamento unificado, com organização dos conhecimentos em aulas teóricas e seminários.

Entretanto, os professores explicam que, ainda que os alunos reconheçam o trabalho desenvolvido, a EF não é tão *pesada* como as outras, sendo a relação dos alunos com ela muito mais *leve* que com as demais, o que contraria o discurso de igualdade entre as disciplinas, defendido pelos docentes, mostrando o caráter hierárquico entre as disciplinas

escolares.

CONTEÚDOS TEÓRICOS *SOBRE* AS PRÁTICAS CORPORAIS

O planejamento da EF estipula conteúdos para cada fase do EM, que são operados em aulas teóricas em sala, por meio de leitura de textos, vídeos, discussões e seminários. As aulas práticas não são contempladas neste documento, segundo os professores, porque estas são meios pelos quais são trabalhados os conteúdos vistos em sala, e não a parte principal dela. Dessa forma, aulas teóricas são sempre realizadas, e as avaliações são feitas por meio de redações e seminários de pesquisas, sendo esse o ponto chave da avaliação e do desenvolvimento do trabalho nas aulas de EF.

As aulas teóricas constituem-se em um forte discurso de legitimação da EF pelos professores da Escola. Porém, um ponto observado refere-se ao fato de, raramente os temas estudados nas aulas teóricas ficarem evidentes nas aulas práticas. Um exemplo disso ocorreu quando uma aula sobre gênero foi sucedida por uma prática em que rapazes e moças se separaram, sem que houvesse qualquer questionamento do fenômeno.

PRÁTICAS E CUIDADOS COM O CORPO PARA ALÉM DO ESPORTE

Há no discurso dos atores uma crítica que procura desvincular as práticas da exigência de rendimento e do esporte de alto nível. Apesar de na maioria das aulas práticas observadas os temas terem sido esportes tradicionais (basquetebol, voleibol e futsal), observamos que o foco não parecia estar na obrigação da vitória, ou na determinação dos melhores “atletas”, mas, sim, na vivência corporal do esporte apresentado.

Entretanto, um ponto forte do discurso docente era a diversidade de práticas corporais, o que não pôde ser observado nas aulas. Parecia faltar um planejamento para essas aulas, em que os conteúdos trabalhados em sala não eram retomados naqueles momentos, deixando-os com cara de “praticar por praticar”. Para Bracht (2009), a prática dos esportes somente tem sentido no âmbito escolar quando integrada ao planejamento da instituição e, de certo modo, não foi isso que vimos.

O GOSTO COMO CRITÉRIO DE ESCOLHA

A categoria gosto foi encontrada diversas vezes nos discursos dos atores, tanto

caracterizando a parte prática – “O que nós temos aqui é despertar o gosto pela modalidade esportiva” (trecho de entrevista) –, quanto a “teórica” – “As pesquisas e os subtemas, são eles que vão escolher. E eles se motivam muito, porque eles estão estudando curiosidades e coisas que eles gostam.” (trecho de entrevista).

Esse padrão foi observado quando, ao fim de aulas teóricas, os professores perguntavam aos alunos quais modalidades gostariam de praticar na aula seguinte. Lembramos que um dos pontos encontrados nos discursos dos professores é a obrigatoriedade da EF como uma disciplina curricular.

Essa situação nos conduz a uma discussão evidenciada em Lovisolo (1997), sobre os motivos que nos levam a executar ações ou tomar decisões. Segundo o autor são três os que nos impulsionam: a norma, a utilidade e o gosto. O primeiro, de caráter *coletivista*, nos leva a agir de acordo com regras, normas e valores da sociedade, sob risco de sofrermos castigos ou sanções caso não as cumpramos. O segundo, de caráter *individualista utilitário*, a tomar decisões e ações buscando uma utilidade ou preenchendo uma necessidade. O terceiro e último, de caráter *individualista do prazer*, nos faz agir pelo desejo, pela busca do prazer e satisfação.

O que pôde ser visto no campo, nos momentos de aulas práticas foi o gosto predominando nas escolhas e nos sentidos de/para ação. Não foi o motivo único porque muitos alunos (os que não gostam das aulas de EF) poderiam preferir nem estar na aula, permanecendo ali ao seguir normas.

Lovisolo (1997) defende que não se deve deixar as aulas simplesmente a critério dos alunos, ao contrário, é preciso construí-las em conjunto (professores e alunos), e que fazer acordos pode ser uma forma de buscar um equilíbrio entre momentos regidos pela norma e determinados pelo gosto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que o ponto forte da disciplina na Escola, o que em grande medida a legitima, são as aulas “teóricas”. Porém, o que torna o discurso bastante ambíguo é o fato de os professores defenderem, em vários momentos, o caráter prático da EF, afirmando ser esse um dos pontos de sua legitimação. Porém, atitudes que confirmassem esse posicionamento não foram encontradas em campo, visto que as aulas práticas ocorreram, mas a forma como elas se deram não conferiu legitimidade à disciplina.

O padrão de organização das aulas – o gosto – é motivo de questionamentos, visto

que é importante que os alunos apreciem as aulas, que sintam prazer em praticar esportes e outras atividades, porém, se apenas eles escolherem o que fazer, o sentido delas se perde. Nesse momento (das aulas), o professor tem que mediar o conhecimento e, sem deixar as demandas iniciais de lado, que agir sobre ele, educando o gosto dos alunos, mostrando-lhes os desafios de novas práticas. Não há como gostar de algo que não conhecemos, e é papel do professor ampliar o repertório de conhecimentos.

No todo, observamos discursos contraditórios – algo de certa forma muito presente no processo educacional e, em especial, à EF em seu processo ainda de legitimação na escola. Podemos evidenciar a tentativa e trabalho dos professores em estabelecer um lugar para a EF dentro do cenário escolar. Sua atuação é de pessoas comprometidas com o conhecimento e não apenas como pessoas que disponibilizam o material e mantêm a ordem, como são os conhecidos professores “larga-bola” ou “rola-bola”. Seus esforços são em qualificar-se e tentar desempenhar um trabalho responsável e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Beatriz Staimbach *et al.* Acerca da violência por meio do futebol no ensino de educação física: retratos de uma prática e seus dilemas. *Pensar a Prática*. Goiás, v. 11, p. 60-69, 2008.

BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez . Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. *Movimento*. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-212, 2003.

BRACHT, Valter. Identidade e crise da Educação Física: um enfoque epistemológico. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo. (Orgs). *A Educação Física no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2003. p. 13-30.

_____. Esporte de Rendimento na escola. In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo. (Orgs.) *Esporte de rendimento e esporte na escola*. Campinas, Sp: Autores Associados, 2009. p. 11-26.

LOVISOLO, Hugo. Normas, utilidades e gostos na aprendizagem. In: LOVISOLO, Hugo. *Estética, esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1997. p. 51-80.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Existe espaço para o ensino de Educação Física na

escola básica? *Pensar A Prática*, Goiás, v.02, p.119-135, jun. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/152/138>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Dispensas das aulas de educação física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. *Pensar A Prática*, Goiás, v. 12, n. 02, p.01-12, maio/ago. 2009.

Esquema do pôster

Layout: O pôster será estruturado em duas colunas. Terá duas listras, uma na parte superior e outra na inferior. Na superior estará o brasão da instituição com o respectivo nome, além do nome do departamento ao qual a pesquisa está vinculada, e o nome do núcleo de pesquisas do qual a pesquisadora faz parte. Na listra inferior estará o logo da FAPESC, que foi o órgão financiador da pesquisa.

Texto: Terá o formato apresentado neste resumo.